

ÍDOLOMANIA: FIGURAS ANTROPOMÓRFICAS E “ÍDOLOS DE CORNOS” DO RECINTO DE FOSSOS DO NEOLÍTICO FINAL DA PONTE DA AZAMBUJA 2 (PORTEL, ÉVORA)

Filipa Rodrigues / Crivarque; FCT; UAlg / frodrigues@crivarque.net

RESUMO

Pretende-se neste texto, apresentar as figuras antropomórficas e os “ídolos de cornos” identificados no recinto de fossos da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora). Procura-se não só efectuar uma descrição morfo-estilística destes elementos, mas também interpretá-los em função do contexto em que surgem na Ponte da Azambuja 2, discutindo o seu efectivo significado.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present the anthropomorphic figurines and “idols of horns” from the ditched enclosures of Ponte da Azambuja 2. Both morphological and stylistic features will be presented, discussing its function and its role in the archaeological site.

1. INTRODUÇÃO

O recinto de fossos da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) localiza-se no Alentejo Central, território paradigmático do megalitismo funerário português. A sua identificação ocorreu num momento de “verdadeira revolução empírica” (Valera, 2008:112) no estudo da pré-história recente do Sul de Portugal, fruto da implementação de uma efectiva “arqueologia preventiva/emergência”, proporcionada, em grande parte, pela execução do *Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva* (EFMA), promovido pela EDIA, SA.

De facto, até à última década do século XX, a etapa final da diacronia neolítica no Alentejo Central, era constituída por um conjunto significativo de monumentos funerários megalíticos (>130), sem paralelo numérico na rede de povoamento, que se resumia a alguns “povoados abertos” e raros “povoados fortificados”.

Este desvio arqueográfico não decorreu, no entanto, da falta de projectos de investigação nesta área regional, mas sim da “invisibilidade” superfi-

cial de muitos dos novos sítios identificados, que correspondem, na sua maioria, a recintos de fossos¹. Entre estes novos sítios arqueológicos conta-se a Ponte da Azambuja 2, assim como o complexo arqueológico dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz, (Lago *et alii*, 1998; Evangelista, 2003; Valera, 2008-a; Valera, 2010; Marquez Romero *et alii*, 2013), Juromenha 1, Alandroal (Calado, 2000: 38; Calado e Rocha, 2007:35), Águas Frias, Alandroal (Calado e Rocha, 2007:37), Malhada das Mimosas, Alandroal (Calado, 2000:38), Moreiros 2, Arronches (Boaventura, 2006), e Horta do Albardão 3, Portel (Santos *et alii.*, 2009).

Enquadrados por um terreno que agora se sabe “opaco”, nasceram, nas décadas de ’80 e ’90 do século XX, discursos enviesados sobre as estratégias de ocupação do território centro-alentejano, durante o Neolítico Final. Assim, num primeiro mo-

1. Esta “invisibilidade” foi já apontada como uma característica intrínseca deste tipo de sítio arqueológico, atestada num número significativo de contextos do Sudoeste Peninsular (Marquez Romero e Jimenez Jáimez, 2008).

mento da investigação, a diferença entre “espaços da morte” e “mundo dos vivos” era explicada pela existência de uma sociedade segmentaria, na qual os excedentes de produção seriam canalizados para a construção dos grandes megálitos (Soares e Silva, 1992: 48-51). Actualmente, já com os novos sítios identificados, propõe-se que as grandes estruturas comunitárias, nas quais se encontra incluído o elemento *fosso*, integrem a mesma unidade cultural, simultaneamente emergente, indiciadora de uma efectiva sedentarização do grupo (Mataloto e Boaventura, 2009).

Outra leitura tem sido desenvolvida, com base nos trabalhos de investigação efectuados no Complexo Arqueológico dos Perdígões. Nesta narrativa, de carácter pós-processual, os recintos de fossos reflectem uma organização da paisagem megalítica, onde diferentes dicotomias têm, aparentemente, lugar. Neste caso, e considerando quer a implantação deste sítio arqueológico, quer a sua arquitectura, para a qual são já conhecidos diferentes acessos ao interior dos recintos, a dicotomia Este-Oeste, Nascer e Pôr do Sol, teve um papel fundamental na organização de um cosmos, no qual o Homem é cada vez mais interveniente e, simultaneamente, dependente (Valera, 2008b).

É neste contexto de profundas alterações empíricas e teóricas, muitas vezes opostas e contraditórias (diria mesmo, com um toque maniqueísta!), que a temática dos recintos de fossos neolíticos e calcolíticos se desenvolve como uma unidade de estudo específica, no Sudoeste Peninsular.

Com o presente texto pretende-se dar um contributo para o debate em curso, através dos dados procedentes da Ponte da Azambuja 2. Especificando o grupo artefactual dos objectos ideotécnicos, e fugindo deliberadamente à discussão dos ídolos-placa que têm dominado esta temática na região em estudo, procura-se reacender a questão dos “ídolos de cornos” / suportes de lareira, assim como apresentar as figurinhas antropomórficas provenientes deste contexto. Com este intuito serão expostos: (1) a proveniência dos objectos, (2) a sua iconografia, e o (3) o debate enquadrando não só os pontos anteriores, mas também a respectiva relação com a actual discussão sobre os recintos de fossos no Sudoeste Peninsular.

2. O CONTEXTO

O sítio arqueológico da Ponte da Azambuja 2 implanta-se numa plataforma de vertentes muito suaves, que culmina na Ribeira da Azambuja, um dos poucos cursos de água permanentes da região, situada na margem direita do Rio Degebe. A sua implantação não corresponde a nenhum parâmetro de defensibilidade natural, detendo boa visibilidade para a área envolvente.

A escavação arqueológica na Ponte da Azambuja 2 limitou-se à área de afectação da obra supramencionada, o que dificultou a caracterização geral da arquitectura do sítio. Deste modo, recorreu-se à fotografia aérea, disponível quer no Instituto Geográfico Português, quer no programa informático da Google (Google Earth), para consolidar a representação genérica do sítio arqueológico.

A observação de diferentes imagens revelou a eventual existência de pelo menos três aglomerados de recintos na mesma plataforma, sem que haja uma estrutura delimitadora de todos eles (*fosso*/muralla). Deste conjunto de recintos, dois foram confirmados em trabalhos de campo (escavação – Recinto 1, e prospecção – Recinto 2), estando ainda por corroborar o terceiro (Recinto 3). Trabalhos de prospecção geofísica, recorrendo ao método do georadar, foram já ensaiados, porém sem resultados (Figura 1).

No Recinto 1 foram identificados os seguintes contextos:

2.1. *Locus 1* (Fosso 1)

Estrutura negativa de traçado sinuoso, com perfil em U, identificada numa área com 12m de extensão; foram identificadas as seguintes unidades: [Ø] = depósito de superfície (coluvião), que cobre a estrutura negativa, ocultando-a e preservando o seu recheio; [101] = depósito argiloso, extremamente duro, de cor negra, com presença comum de seixos de diferentes morfologias, apresentando, em alguns casos, sinais de rubefacção; apresenta uma grande densidade de artefactos; [102 = 103] = depósito argilo-arenoso, moderadamente duro, de cor castanho amarelado, no qual se observou uma redução significativa de seixos e um aumento, quer em percentagem, quer em tamanho, de blocos pétreos granitoides; verifica-se uma redução artefactual,

nomeadamente no que respeita à indústria lítica; no caso da cerâmica, apesar de se verificarem menos fragmentos, observa-se um padrão de fragmentação menor; na base desta camada foram identificados 2 “buracos de poste”, nas quadrículas M/ 4 e 7.

2.2. Locus 2 (Fosso 2)

Estrutura negativa de traçado rectilíneo, com perfil em U, de menores dimensões que a registada no Locus 1; no seu interior foi registada apenas uma unidade de enchimento [201], cujas características sedimentares (cor, matriz, granulometria, resistência, componente artefactual), permitem relacionar com [101] do Locus 1, admitindo-se uma simultaneidade no seu preenchimento. (Rodrigues, 2008 e *no prelo*)

Apesar da inexistência de datações absolutas para a Ponte da Azambuja 2, pode-se afirmar, a partir da análise da cultura material exumada do interior dos fossos, que este contexto se enquadra na segunda metade do 4.º milénio a.n.e., não se conhecendo qualquer ocupação posterior a este patamar cronológico, cultural e tecnológico.

3. FIGURAS ANTROPOMÓRFICAS E “ÍDOLOS DE CORNOS”: DESCRIÇÃO MORFO-ESTILÍSTICA

Os artefactos sobre os quais incide o presente estudo encontram-se subdivididos, no título deste texto, em dois grupos distintos – “ídolos de cornos” e figuras antropomórficas. Esta subdivisão advém, principalmente, dos contextos de proveniência de cada um destes grupos: os “ídolos de cornos” são, todos eles, procedentes da área escavada em 2007 (Loci 1 e 2), enquanto as figuras antropomórficas são provenientes de recolhas de superfície, realizadas junto ao corte onde foi identificado um segmento de fosso do Recinto 2.

Porém, as suas características formais permitem admitir que ambos são representativos do mesmo método de concepção: (1) ambos são elaborados em argila cozida, e (2) ambos ilustram um conceito que privilegia a mobilidade e o transporte do objecto. Esta última característica poderá estar relacionada com o eventual carácter doméstico destas figuras, até ao momento associadas em exclusivo a espaços de *habitat*, tais como o Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Kalb e Hock, 1980), Leceia, Oeiras (Cardoso, 1992), Vila

Nova de São Pedro, Azambuja (Gonçalves, 1994), Penha Verde, Sintra (Cardoso e Ferreira, 1990), Olelas e Serra das Éguas, Sintra (Gonçalves, 1993) Monte da Quinta 2, Benavente (Valera, Tereso e Rebuge, 2006), Foz do Enxoé, Serpa (Diniz, 1999) Quinta das Longas, Elvas (Gonçalves, Carvalho e Pombal, 2003), Ponta da Passadeira, Moita (Soares, 2001), povoados da área da Comporta/Sines, dos quais se destaca o Possanco (Silva *et alii*, 1986) Cerro do Castelo de Santa Justa, Alcoutim (Gonçalves, 1989).

Para além destas características, outros pontos em comum unem estas figurinhas: (1) a morfologia da peça; (2) a pasta de fabrico e (3) a decoração.

Muito embora se desconheça a configuração do tronco das figuras antropomórficas, a morfologia e orientação do elemento conservado destas imagens indica um eventual paralelismo com os “ídolos de cornos” recolhidos nos Loci 1 e 2 do Recinto 1.

No que respeita ao fabrico, observa-se a utilização sistemática do mesmo tipo de pasta, semelhante ao restante aparelho cerâmico (elementos não plásticos abundantes, visualizando-se, macroscopicamente, o quartzo, a mica e o feldspato), o que pode evidenciar um fabrico local.

O mesmo acontece com a temática registada: quer nuns, quer noutros, repetem-se não só os atributos, mas também as técnicas decorativas.

Desta forma, para uma descrição detalhada das peças que se encontram inteiras ou cujo perfil permite a reconstituição da mesma, efectua-se abaixo a sua descrição mediante uma distinção baseada na ausência/ presença de decoração.

3.1. Sem decoração

(Tabela 1)

(Figura 2)

Tabela 1

Designação ²	Proveniência ³	Dimensões (mm)		Morfologia	Observações
		Altura	Diâm. ⁴		
IC 569	L1/ M8/ [101]/n.a. 2	109	T= 43 B=74	Cilindroide, de secção oval, com a base côncava; Verifica-se o achatamento de uma das superfícies, na qual foi efectuada a perfuração ($\varnothing=19\text{mm}$); Topo arredondado, sem demarcar arestas.	<u>Estado</u> : Fracturado (durante processo de escavação); <u>Tratamento de Superfície</u> : Ausente; <u>Marcas de Fogo</u> : Ausentes.
IC 570	L2/ E21/ [201]/ n.a. 4	132	T= 43 B= 119	Tendencialmente cónica, de secção sub-oval, com a base plana; Verifica-se o achatamento de uma das superfícies, na qual foi efectuada a perfuração ($\varnothing=16\text{mm}$); Topo arredondado, com espessamento no lado da perfuração.	<u>Estado</u> : Ligeiramente fracturada, junto à base, na superfície oposta à da perfuração; <u>Tratamento de Superfície</u> : Ausente; <u>Marcas de Fogo</u> : Ausentes. (Figura 2)
IC 571	L2/ E21/ [201]/ n.a. 4 e 5	138	T= 65 B= 92	Cilindroide, de secção oval, com base plana; Topo plano, com aresta demarcada; Perfuração central ($\varnothing=19\text{mm}$); Peça composta por dois fragmentos que se encontravam no mesmo contexto, embora em n.a. distintos.	<u>Estado</u> : Fracturada longitudinalmente a meio da peça e, transversalmente ao nível da perfuração; <u>Tratamento de Superfície</u> : Alisamento; <u>Marcas de Fogo</u> : Presente na fractura da peça (pós-deposicional).
IC 572	L2/ E21/ [201]/n.a. 5	143	B=79	Corniforme, de base plana; Arqueamento da peça conseguido a partir do afeiçoamento da superfície onde foi efectuada a perfuração, executada ao nível da base ($\varnothing=19\text{mm}$); Peça composta por dois fragmentos que se encontravam dispostos no mesmo contexto; destaca-se a proveniência de um dos fragmentos, que se encontrava abaixo de uma mandíbula esquerda de <i>Bos taurus</i> (Nabais, 2013).	<u>Estado</u> : Fracturado longitudinalmente, faltando a lateral esquerda; <u>Tratamento de Superfície</u> : Ausente; <u>Marcas de Fogo</u> : Ausentes.

2. IC= Ídolo de Cornos; FA= Figuras Antropomórfica, seguido do número de inventário.

3. *Locus* / Quadrícula / Camada/ nível artificial

4. T = Topo; B = Base.

(Figura 2)

3.2. Decorados

Tabela 2

Designação	Proveniência	Dimensões (mm)		Morfologia	Observações
		Altura	Diâm.		
IC 559	L1/ M7 [101]/n.a.2 L1/ M7 [103]/n.a.1 L1/ M8 [103]/n.a.1	136	T= 40 B= 66	Cilindroide, de secção circular, com uma base plana; Verifica-se um ligeiro achatamento na superfície onde foi efectuada a perfuração (Ø=21mm); Topo arredondado.	Estado: Fracturado longitudinalmente e transversalmente pelo eixo central, neste caso, demarcado pela perfuração; <u>Tratamento de Superfície:</u> Ausente; <u>Marcas de Fogo:</u> Ausentes.
	Decoração	No topo da peça, foi efectuada, após a cozedura da peça, um rebaixamento da superfície, tendencialmente oval; esse rebaixamento foi posteriormente preenchido por uma pasta castanha, distinta da utilizada no fabrico, prefigurando, claramente, dois olhos. Abaixo dos olhos denota-se uma pequena incisão, eventualmente representativa das “tatuagens faciais”. Destaca-se a cozedura da peça – oxidante, que contribui para a temática e método decorativo.			
IC 573	L1/ E21/ [201]/n.a.5	134	B= 80 (ao nível da fractura)	Cilindroide, de secção oval; Verifica-se um achatamento na superfície onde foi efectuada a perfuração central que é, neste caso, oblíqua (Ø=19mm); Topo arredondado.	Estado: Fracturado na base; <u>Tratamento de Superfície:</u> Alisamento; <u>Marcas de Fogo:</u> Ausentes. (Figura 3)
	Decoração	Imediatamente acima da perfuração central, regista-se a temática decorativa que confere ao objecto características antropomórficas. Verifica-se: (1) dois olhos circulares, em baixo relevo; (2) “tatuagens faciais” representadas por três linhas paralelas, dispostas na oblíqua, em cada uma das faces da figura. Eventualmente, teria um nariz moldado na argila, facto sugerido pelo arranque verificado numa zona da peça que se encontra fracturada. Na lateral esquerda da peça verifica-se um linha incisa vertical, que demarca o espaço decorativo.			
FA1	Recinto 2/ Rec. Sup.	60	T= 50	Tendencialmente cilíndrico, de secção oval, de topo plano; Verifica-se um achatamento na superfície onde foi efectuada a decoração. Não se conhece perfuração.	Estado: Fracturada longitudinalmente a meio e, transversalmente abaixo da da superfície decorada; <u>Tratamento de Superfície:</u> Ausente; <u>Marcas de Fogo:</u> Ausentes. (Figura 4)
	Decoração	A antropomorfia desta peça é sugerida pela conjugação de diferentes técnicas decorativas, que permitem a figuração de um rosto. Verifica-se: (1) a representação dos olhos, em baixo-relevo, executada através de impressão digital, dando-lhes uma forma oval; (2) um nariz, moldado na argila, com a exibição inequívoca das duas narinas; (3) “tatuagens faciais”, reproduzidas mediante a técnica da incisão, constando, na face direita da figura, duas linhas paralelas, disposta na oblíqua, e, na face esquerda, quatro linhas, com a mesma disposição.			
FA2	Recinto 2/ Rec. Sup.	69	T= 80	Cilindroide, de secção sub oval, de topo plano; Verifica-se um achatamento na superfície onde foi efectuada a decoração; Não se conhece perfuração.	Estado: Fracturada transversalmente ao nível do plano decorativo; <u>Tratamento de Superfície:</u> Aguada; <u>Marcas de Fogo:</u> Ausentes. (Figura 4)
	Decoração	A superfície onde foi efectuada a decoração encontra-se aplanada, para que, através da aplicação de diferentes técnicas decorativas, surja um rosto anatomicamente antropomórfico. Encontram-se representados: (1) dois olhos ovais, em baixo-relevo, realizados através da impressão digital; (2) o nariz, moldado na argila, com indicação das duas narinas; (3) duas linhas paralelas, disposta na oblíqua, na face esquerda da peça, facilmente conectáveis com as “tatuagens faciais”.			

(Figura 3) (Figura 4)

3.1.3. Outros

Nesta categoria foram incluídos os fragmentos de “ídolos de cornos” (14), que pertencem claramente a esta tipologia de artefacto, mas cujas dimensões permitem apenas identificar a que parte da peça corresponde o elemento conservado (*topo*, *tronco*, *base*). De um modo geral, aparentam um aspecto cilíndrico, com pastas semelhantes aos restantes ídolos já descritos, sem que se tenham observado sinais de fogo.

Todos os fragmentos são provenientes do *Locus 1*.

	Topo	Tronco	Base	
			Plana	Côncava
<i>Locus 1</i>	1	6	3	4

4. “DEPOSIÇÕES INTENCIONAIS OU NATURAIS?” (Evangelista e Jacinto, 2007)

A pergunta que serve de título a este capítulo reflecte uma das problemáticas que, nos últimos anos, tem sido colocada para o preenchimento dos fossos delimitadores de recintos, do Sudoeste Peninsular. Por oposição a uma abordagem dita “funcionalista” e “materialista” destas realidades, na qual se admite um uso primário das estruturas, onde estas adoptam um papel *defensivo* e/ou de *condução/drenagem de águas*, para, numa segunda fase de “abandono”, serem colmatadas mediante processos naturais ou de despejo de detritos (“lixeiros”), nasce, no seio das tendências pós-modernas, a perspectiva de que estas estruturas são um elemento integrante de um vasto conjunto de práticas intencionais, simbólicas e rituais.

Fazer a avaliação desta situação na Ponte da Azambuja 2, a partir da dispersão horizontal e vertical dos artefactos ideotécnicos, é um exercício que permitirá, num primeiro plano, contribuir para o debate em curso sobre o papel dos recintos de fossos nas comunidades dos finais do 4.º milénio a.n.e, e, num segundo plano, especular acerca dos diferentes cenários de utilização das figuras que constituem o objecto deste texto.

Se para as figuras antropomórficas da Ponte da Azambuja 2 não existe um contexto fiável de proveniência, que invalida de imediato a realização de qualquer exercício de natureza interpretativa, o mesmo não acontece para os “ídolos de cornos”, procedentes do interior dos fossos identificados e escavados no Recinto 1.

4.1. *Locus 1* (Fosso 1)

Os fragmentos de “ídolos de cornos” recolhidos do interior do fosso do *Locus 1* encontram-se dispersos na estratigrafia e planta da estrutura.

Verifica-se uma maior concentração de fragmentos provenientes da última camada de preenchimento da estrutura ([101]). Nesta unidade surgem 9 fragmentos isolados, (*tronco* e *base*), e, um ídolo inteiro, sem que haja uma clara associação entre eles.

Da primeira camada de enchimento do fosso ([102 = 103]) apenas foi recolhido 1 fragmento em M/4.

Representativo de eventuais perturbações pós-deposicionais, como por exemplo a bioturbação, é o “ídolo de cornos” 559, composto por fragmentos que provêm de diferentes camadas e quadrículas (ver Tabela 1).

Abaixo segue a representação do Corte W do Fosso 1, com a indicação da distribuição destes artefactos (Figura 5).

4.2. *Locus 2* (Fosso 2)

Se o exercício efectuado para o *Locus 1* revela que não há uma organização na dispersão dos “ídolos de cornos”, a aplicação do mesmo método de análise no *Locus 2* permite resultados, já perceptíveis nos trabalhos de escavação, que abalam os alicerces do “funcionalista” mais convicto.

Na quadrícula E.21 do Fosso 2, surgem, na camada 201, os quatro “ídolos de cornos” anteriormente descritos (n.º 570, 571, 572 e 573). Verticalmente, encontram-se dispostos num intervalo de 32cm (níveis artificiais 4, 5 e 6), e, horizontalmente, num espaço inferior a 2m².

O estado de conservação destes artefactos, assim como a possibilidade de efectuar colagens entre os vários fragmentos recolhidos nessa área, são bons indicadores do grau de preservação do contexto, facto igualmente corroborado pela obtenção de recipientes praticamente inteiros, que se encontram no mesmo ambiente.

Para além da associação entre os ídolos de cornos, registam-se ainda as seguintes relações artefactuais:

- Junto ao corte E desta quadrícula, identificou-se, na base do n.º 4, uma mandíbula esquerda de *Bos taurus*, que cobria o fragmento de *topo* do “ídolo de cornos” 572, de morfologia tendencialmente corniforme; note-se que esta mandíbula não apresenta, à semelhança dos “ídolos de cornos”, sinais de exposição ao fogo, refutando assim, a hipótese de integrar uma estrutura de combustão;

- No mesmo nível artificial – 4, recolheu-se o “ídolo de cornos” 570;
- No nível artificial 5 recolheram-se os dois fragmentos do “ídolo de cornos” 571, e a base do “ídolo de cornos” 572; no mesmo contexto, recolheram-se vários fragmentos de cerâmica de um recipiente de paredes rectas, com “mamilos pega” junto ao bordo, cujas colagens permitem a visualização da totalidade da forma;
- Na base do Fosso 2, correspondente à base do nível artificial 6, recolheu-se o “ídolo de cornos” decorado 573, assim como um fragmento de uma taça carenada de pequenas dimensões, com decoração “raiada” no seu interior.

Salienta-se a presença, em todos os níveis artificiais, de abundantes fragmentos de cerâmica, nomeadamente um “vaso lucerna” e vários fragmentos das taças carenadas do sub-tipo “Crato/Nisa” (Andrade, 2009 e *no prelo*), habitualmente patentes em contextos do megalitismo funerário alentejano. Um pequeno “ídolo-placa” em xisto reutilizado, foi igualmente recolhido nesta área (Figura 6).

5. “AGARRAR O TOURO PELOS CORNOS”: DISCUSSÃO

Na última década, a discussão sobre o significado/ funcionalidade dos chamados *ídeos de cornos/ suportes de lareira* estagnou, parecendo, em definitivo, que a última designação venceu o debate (Cardoso, 2003). A favor desta interpretação estão os seguintes argumentos: (1) surgem apenas em contextos habitacionais; (2) em alguns casos, aparecem associados a fornos (Ponta da Passadeira), estruturas de combustão (Cerro do Castelo de Santa Justa) ou em unidades de produção de sal (Monte da Quinta 2); (3) possuem uma morfologia favorável à sua utilização enquanto “suportes de lareira”, propondo-se a utilização de um número distinto de peças, consoante a forma – corniforme simples (3 peças), corniforme duplo (2 peças), topo aplanado ou ligeiramente côncavo (1 peça) (Cardoso, 2003).

Os obstáculos que se levantam a esta proposta, tais como a perfuração central, a decoração e a miniaturização, são explicadas da seguinte forma: as primeiras servem para facilitar a cozedura da peça, as segundas, não explicam o carácter simbólico, já que se reconhecem nos “pesos de tear” as mesmas temáticas decorativas, e, por fim, os pequenos ob-

jectos poderão corresponder a eventuais “brinquedos” pré-históricos (Cardoso, 2003).

No que concerne aos “ídeos de cornos” da Ponte da Azambuja 2 existem alguns entraves no que respeita à atribuição de uma funcionalidade enquanto “suportes de lareira”. O polimorfismo destas peças, o contexto em que foram identificadas, e a temática decorativa presente em alguns objectos, são características que não permitem o “encaixe” nessa proposta interpretativa. Vejamos:

1. Morfologia

Do ponto de vista da forma, a hipótese da utilização destes objectos enquanto “suportes de lareira” é absolutamente inaplicável neste contexto.

Se a perfuração central não pode ter sido utilizada enquanto fixador de um espeto, conforme defende João Luís Cardoso (Cardoso, 2003), a morfologia da maior parte dos objectos da Ponte da Azambuja 2 também jamais terá sido aproveitada como suporte dessa haste.

Note-se que quase todos os exemplares detêm um topo ligeiramente convexo, o que impede a estabilidade de qualquer espeto, havendo apenas um exemplar com o topo aplanado (“Ídolo de Cornos 571”), que também não oferece qualquer ponto de equilíbrio para a sua utilização enquanto “suporte de lareira”.

2. Contexto

Nenhum dos objectos recolhidos na Ponte da Azambuja 2 se encontra associado a uma estrutura que implique a utilização do fogo, e apenas um exemplar demonstra sinais de exposição a altas temperaturas, ocorrida num momento pós-deposicional.

Tal facto invalida de imediato a hipótese da sua utilização enquanto *suportes de lareira*. A sua utilização enquanto tal deixaria claros indícios na superfície da peça, conforme é possível atestar em alguns dos recipientes cerâmicos recolhidos no sítio.

O exercício de distribuição espacial efectuado para os contextos escavados demonstrou, no caso do *Locus* 2, uma associação artefactual que remete para um cenário dificilmente explicável à luz de uma interpretação funcional. Anulada a hipótese de integrarem uma estrutura de combustão, a associação evidente de quatro “ídeos de cornos” morfologicamente distintos, num espaço reduzido, assim como a sua relação com artefactos facilmente “transportáveis” para o universo funerário, permitem conjecturar acerca da realização de práticas mágico-simbólicas, que não são desconhecidas nas comunidades dos finais do 4.º milénio a.n.e.

3. Decoração

Neste ponto, o debate é obrigatoriamente alargado às figuras antropomórficas. Embora tenham sido aqui tratadas separadamente, há evidentes paralelos entre estas e o “*ídolo de cornos*” decorado, recolhido no *Locus 2* (“*Ídolo de Cornos 573*”). Mesmo no plano morfológico tudo indica, conforme foi já anteriormente referido, que são semelhantes. Desta forma, e assinalando-se as devidas reservas quanto à morfologia geral das peças antropomórficas, questiona-se: porquê considerar uns objectos funcionais e outros artefactos ideotécnicos? O que os distingue? Não representam a mesma figura?

Mas mesmo que se tente negar o inegável paralelismo entre ambos os tipos de figuras reconhecidas na Ponte da Azambuja 2, é impossível recusar as simetrias existentes entre a figura do *Locus 2* (“*Ídolo de Cornos 573*”) e o ídolo antropomórfico do Possanco, também conhecido como “*ídolo da Comporta*”. Este artefacto, ao qual foi imediatamente atribuído um valor simbólico, detém não só a morfologia da figura da Ponte da Azambuja 2, mas também a mesma temática decorativa: olhos, nariz e “*tatuagens faciais*”. A partir daqui, é fácil aplicar o seguinte silogismo: O “*ídolo da Comporta*” pertence ao grupo dos artefactos ideotécnicos;

A figura recolhida no *Locus 2* da Ponte da Azambuja 2 (“*Ídolo de Cornos 573*”) é semelhante ao “*ídolo da Comporta*”;

Logo a figura recolhida no *Locus 2* da Ponte da Azambuja 2 (“*Ídolo de Cornos 573*”) pertence ao grupo dos artefactos ideotécnicos.

Há no entanto, um elemento que os distingue: a existência da perfuração central no caso do “*Ídolo de Cornos 573*”. Se a presença da decoração permite estabelecer paralelos entre este objecto e outras peças idoliiformes, a existência da perfuração central permite conectá-la com os restantes “*ídolos de cornos*” identificados neste sítio. Ou seja, se o “*Ídolos de Cornos 573*” da Ponte da Azambuja 2 não tivesse perfuração central seria exactamente igual ao “*ídolo da Comporta*”. No entanto, se não tivesse decoração seria exactamente igual a qualquer outro “*ídolo de cornos*” identificado neste sítio. Pode-se inferir então, que todos os “*ídolos de cornos*” com ou sem decoração, com ou sem perfuração central, pertencem ao grupo dos artefactos ideotécnicos do Neolítico Final.

Pelo que foi acima exposto, considera-se que as figuras recolhidas na Ponte da Azambuja 2 fazem

parte do quotidiano mágico-simbólico das comunidades que construíram, ocuparam e abandonaram aquele espaço, durante a segunda metade do 4.º milénio a.n.e.

Muito embora se discorde da sua utilização enquanto *suporte de lareira*, conforme tem sido defendido por João Luís Cardoso, considera-se, à semelhança deste autor, que “[...] a designação de “*ídolos de cornos*” numa base estritamente morfológica não é [...] aplicável” (Cardoso, 2003:79) a estes objectos. Mas esta é uma questão que levaria a uma revisão terminológica que não é, de todo, o objectivo deste texto.

6. NOTA FINAL

Admitindo o paralelismo entre as figuras antropomórficas e o “*ídolo de cornos*” decorado da Ponte da Azambuja 2, e destes com o designado “*ídolo da Comporta*”, verifica-se que a presença deste tipo de figuras abarcam fronteiras latas no espaço geográfico e amplas na diacronia de utilização.

Do Médio e Baixo Tejo, às Penínsulas de Lisboa e Setúbal, passando pelo território alentejano e estendendo-se até à Andaluzia (Martínez Sánchez e García Benavente, 2009), estes objectos aparecem associados a contextos que vão desde o Neolítico Final até ao Calcolítico Pleno, não obedecendo a qualquer padrão no tipo de sítio arqueológico. Eles estão presentes em povoados abertos, povoados especializados, povoados fortificados, recintos de fossos... No que respeita à sua presença em recintos de fossos e considerando os contextos escavados na Ponte da Azambuja 2, pergunta-se: qual o seu papel na vida daquela comunidade? Farão parte do paulatino processo de complexificação social, contribuindo para os diferentes sistemas de coerção que eventualmente terão existido? Ou, pelo contrario, fazem parte de práticas deposicionais intencionais, desenvolvidas em rituais relacionados com o fim de ciclo do lugar? Estarão todas as possibilidades de reconstrução do passado esgotadas nestas duas hipóteses?

Por agora apenas se afirma que aceitar o hipotético uso das figurinhas de barro em eventuais práticas de cariz mágico-simbólico não significa, necessariamente, aceitar a aplicação desse mesmo conceito nos recintos de fossos do Sudoeste Peninsular...

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, M. A. (2009) – *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo). Definição e caracterização do fenómeno de “megalitização” da paisagem na área austral no Norte alentejano*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, exemplar policopiado.
- ANDRADE, M. A. (no prelo) – “Contextos perdidos, obscurantismos helénicos: espólio de um monumento megalítico de Alter do Chão pertencente à colecção de Manuel Heleno”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 17.
- BOAVENTURA, R. (2006) – “Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2”. IN: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 9:2, pp.61-73.
- CALADO, M. (2000) – “Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial. IN: *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto, pp. 33-45.
- CALADO, M.; ROCHA, L. (2007) – “As primeiras sociedades camponesas no Alentejo Central: a evolução do povoamento”. IN: *Los primeros campesinos de La Raya: aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo: actas de las Jornadas de Arqueología del Museo de Cáceres*, Cáceres, pp. 29-46.
- CARDOSO, J. L. (1992) – “Acerca de um suporte de lareira do povoado Pré-Histórico de Leceia (Oeiras)”, IN: *Al-Madan*, Almada, II Série, 1, pp.23-26.
- CARDOSO, J. L. (2003) – “Ainda sobre os impropriamente chamados “Ídolos de Cornos” do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste”. IN: *Al-Madan*, Almada, II Série, 12, pp.77-79.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. V. (1990) – “Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra)”. IN: *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, Lisboa, 1, pp.5-12.
- DINIZ, M. (1999) – “Povoado Neolítico da Foz do Enxoe (Serpa): primeiros resultados”. IN: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 2:1, pp. 95-126.
- EVANGELISTA, L. (2003), *O complexo arqueológico dos Perdigões e a construção da paisagem em Reguengos de Monsaraz*, Dissertação de Mestrado, Porto.
- EVANGELISTA, L. S.; JACINTO, M. J. (2007) – “Deposições intencionais ou naturais? Análise estratigráfica e material do fosso exterior dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz)”. IN: *Vipasca. Arqueologia e História*, 2:2, pp.122-125.
- FABIÃO, C. (1989) – “Para a História da Arqueologia em Portugal”. IN: *Penélope. Fazer e Desfazer História*, Lisboa, pp 10 – 26.
- GONÇALVES, J. L. (1993) – “Ídolos de Cornos” de Olelas e Serra das Éguas”. IN: *Al-Madan*, II Série, 2, pp.38-40.
- GONÇALVES, J. L. M. (1994) – “Ídolos de cornos” e suportes de lareira do Castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja)”. IN: *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, 2.º volume, Lisboa, pp. 147-162.
- GONÇALVES, V.S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*, 2. Vols., Lisboa.
- GONÇALVES, V.S.; CARVALHO, A.; POMBAL, S. (2003) – “A ocupação pré-histórica da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas)”. IN: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6:2, Lisboa, pp. 109-142.
- HURTADO, V. (2009) – “Ídolos, estilo y territorios de los primeros campesinos en el sur peninsular”. IN: *Ojos que nunca se cierran. Ídolos de las primeras sociedades campesinas*, Madrid, pp.1-11.
- KALB, P.; HOCK, M. (1980) – “Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrikt Santarém) vorbericht uber die Grabung im Januar und Februar 1979”. IN: *Madriider Mitteilungen*, Heidelberg, 21, pp. 91-104.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F. e CARVALHO, A. (1998) – “Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997.” IN: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:1, Lisboa, pp. 45-152.
- MARTÍNEZ SANCHEZ, R. M.; GARCÍA BENAVENTE, R. (2009) – “Una terracota figurada del IV milénio AN en la Vega media del Guadalquivir”. IN: *Trabajos de Prehistoria*, 66:1, pp.115-122.
- MÁRQUEZ ROMERO, J. E.; JIMÉNEZ JÁIMEZ, V. J. (2008) – “Claves para el estudio de los recintos de fosos del Sur de la Península Ibérica”. IN: *era-arqueologia*, Lisboa, n.º8, pp.159-171.
- MÁRQUEZ ROMERO, J.E.; MATA VIVAR, E.; JIMÉNEZ JÁIMEZ, V. e SUÁREZ PADILLA, J. (2013) – “Dataciones absolutas para el fosso 1de Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Reflexiones sobre su cronología y temporalidad”. IN: *SPAL*, 22, p.17-27.
- NABAIS, M. (2013) – *Estudo Zooarqueológico do sítio do Neolítico Final da Ponte da Azambuja 2 (Évora, Portugal)*. Exemplar policopiado.
- RODRIGUES, F. (2008) – “O recinto de fossos da Ponte da Azambuja 2: primeira notícia”. IN: *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 2, pp 49-56.
- RODRIGUES, F. (no prelo) – “O recinto de fossos da Ponte da Azambuja 2”, no prelo.
- SANTOS, F. J. C.; SOARES, A.M.; RODRIGUES, Z.; QUEIROZ, P.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M.F. (2009) – “A Horta do Albardão 3: um sítio da Pré-História recente, com fosso e fossas, na Encosta do Albardão (S. Manços, Évora)”. IN: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12:1, pp. 53-71.

SILVA, C. T.; SOARES, J.; CARDOS, J. L.; CRUZ, C. S.; REIS, C. (1986) – Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas ^{14}C) e paleoambientais. IN: *Arqueologia*, Porto, 14, pp. 59-82.

SOARES, J. (2001) – “O povoado Pré-Histórico da Ponta da Passadeira: economia ribeirinha dos IV-III milénios a.C.”. IN: *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal*, Lisboa, pp. 101-127.

SOARES, J.; SILVA, C. T. (1992) – “Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos”. IN: *Setúbal Arqueológica*, n.º 9-10, pp.37-88.

VALERA, A. C. (2008a) – “Intervenção arqueológica de 2007 no interior do recinto pré-histórico dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz)”. IN: *Apointamentos de Arqueologia e Património*, 1, pp.15-22.

VALERA, A. C. (2008b) – “Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente”, *ERA Arqueologia*, 8, Lisboa, p.112-127.

VALERA, A. C. (2010) – “Construção da temporalidade dos Perdígões: contextos neolíticos da área central”. IN: *Apointamentos de Arqueologia e Património*, 5, pp. 19-26.

VALERA, A. C.; TERESO, J.; REBUGE, J. (2006) – “O Monte da Quinta 2 (Benavente) e a produção de sal no Neolítico Final/ Calcolítico do estuário do Tejo”. IN: *Promontoria Monográfica. Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, 4, pp. 291-299.

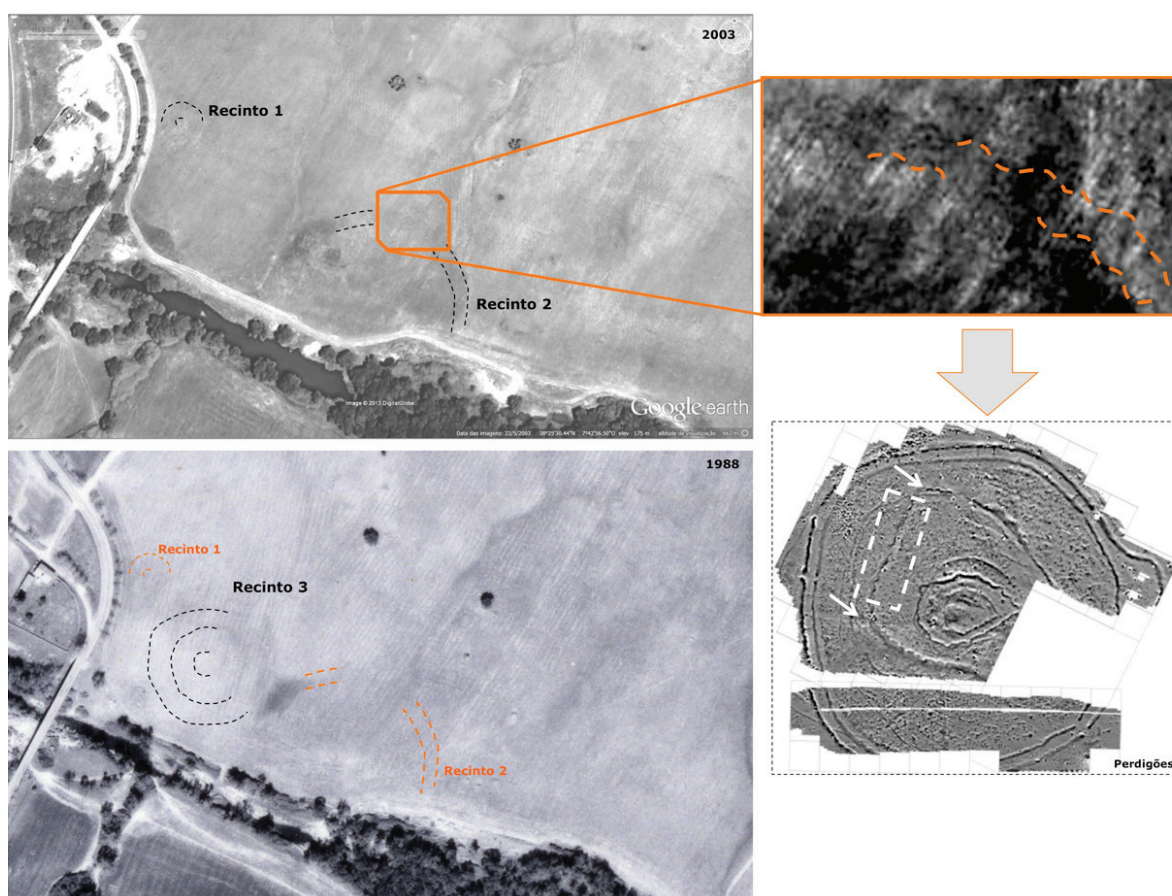


Figura 1 – Fotografias aéreas com indicação dos recintos da plataforma da Ponte da Azambuja 2. A escavação arqueológica de 2007 ocorreu no Recinto 1. Note-se ainda a eventual arquitectura sinuosa dos fossos que compõem o Recinto 2, com paralelo nos fossos 3 e 4, do Sector I, dos Perdígões (salienta-se que, em ambos os casos, os fossos captam linhas de água).



Figura 2 – “Ídolo de Carnos” 570 (Desenho: Marco António Andrade; Foto: Pedro Souto).

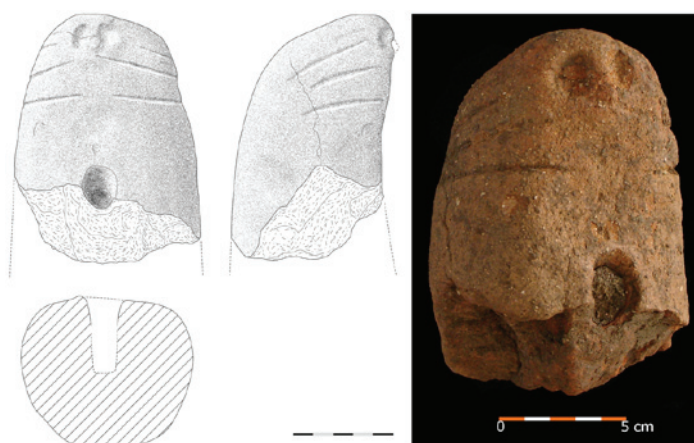


Figura 3 – “Ídolo de Carnos” 573 (Desenho: Marco António Andrade; Foto: Pedro Souto).

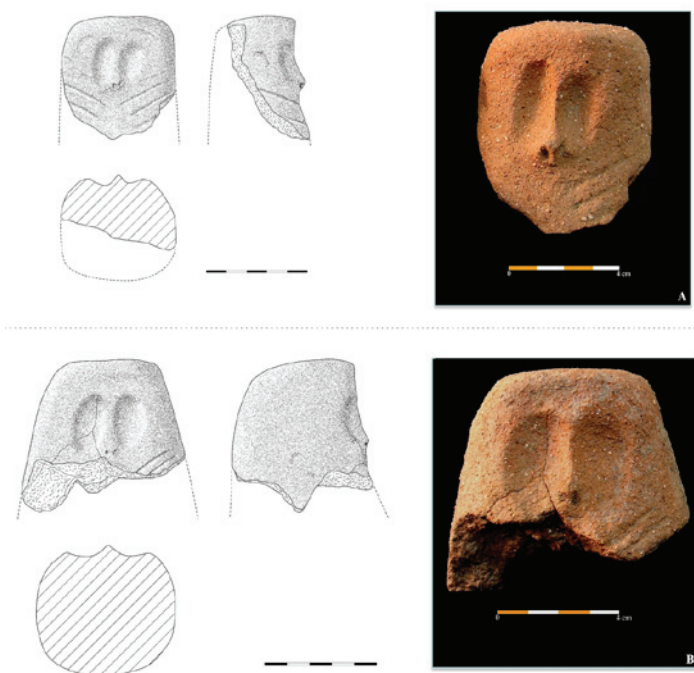


Figura 4 – Figuras Antropomórficas (A – Recinto 2 / Rec. Sup. / F.A.1; B – Recinto 2 / Rec. Sup. / F.A.2) (Desenhos: Marco António Andrade; Fotos: Pedro Souto).

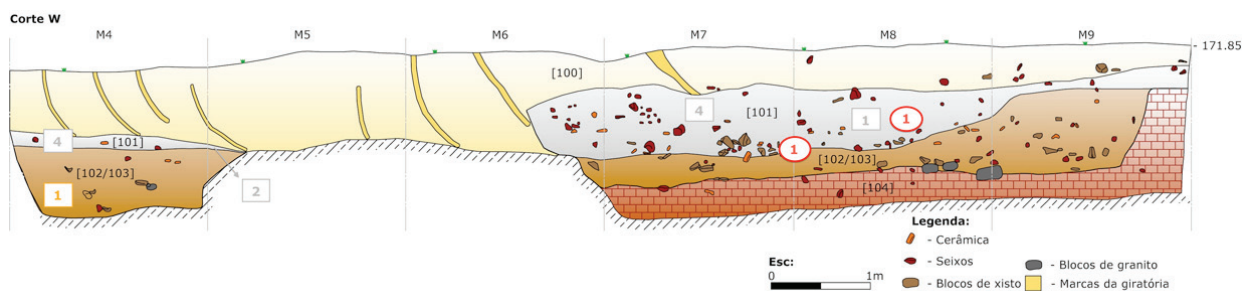


Figura 5 – Corte W, do *Locus 1* (Fosso 1). Os números inseridos na caixa rectangular indicam os fragmentos de “ídolos de cornos” enquadrados na categoria Outros, e os da caixa oval indicam os “ídolos de cornos” inteiros. (n.º 559 e 569, respectivamente) (Desenho: Filipa Rodrigues / Joaquim Pinhão).

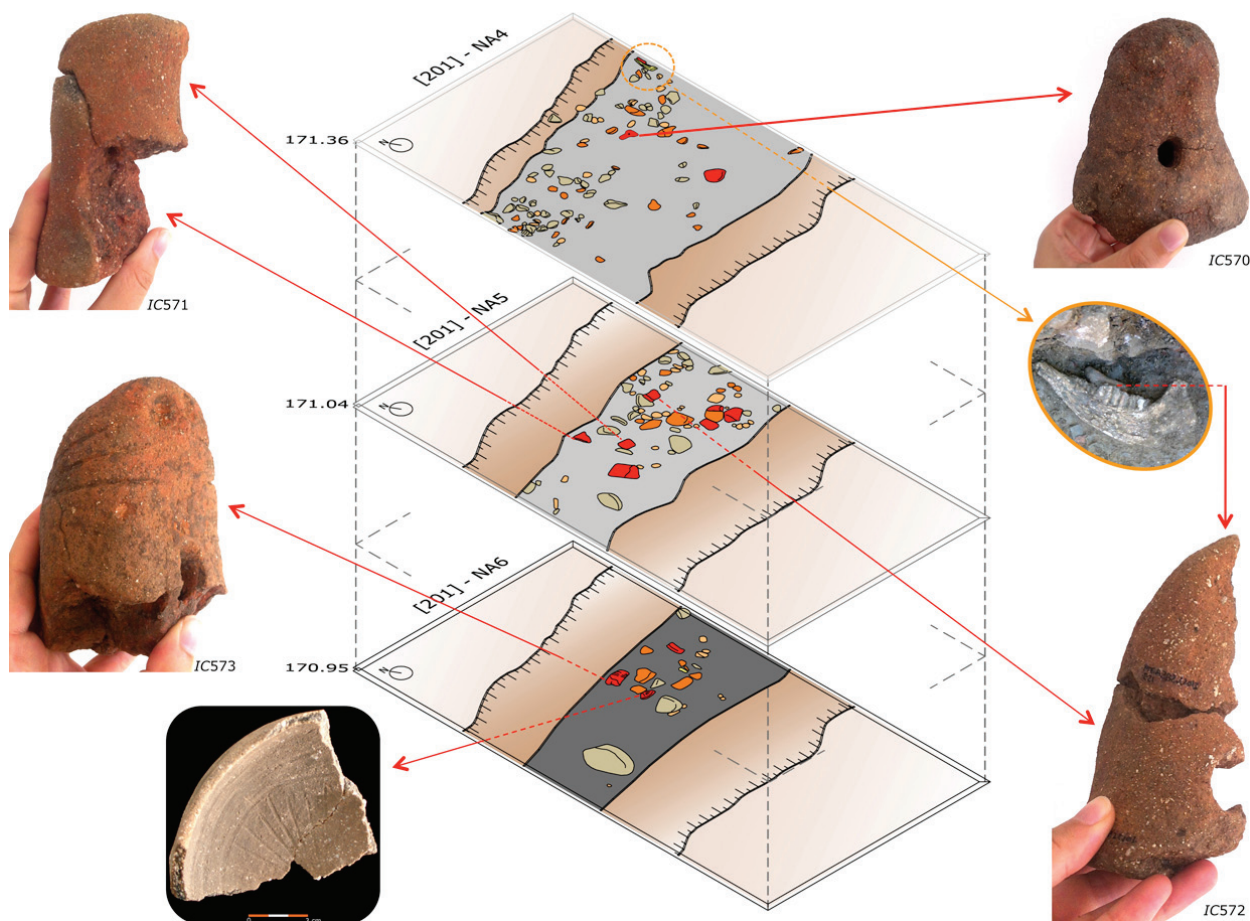


Figura 6 – *Locus 2*. E21. [201]: sobreposição dos níveis artificiais 4, 5 e 6, com indicação da proveniência dos “ídolos de cornos” 570, 571, 572, e 573 (Desenho: Filipa Rodrigues / Joaquim Pinhão; Fotos: Filipa Rodrigues).